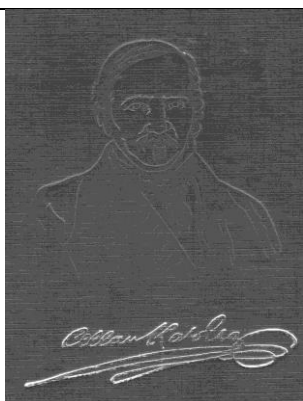


GEAE

GRUPO DE ESTUDOS AVANÇADOS ESPÍRITAS

BOLETIM GEAE | ANO 24 | NÚMERO 555 | JANEIRO DE 2016

Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da humanidade" Allan Kardec



**Grupo de Estudos Avançados
Espíritas GEAE**

**Primeiro Grupo Espírita da
Internet**

Conselho Editorial:

Raul Franzolin Neto
Carlos Alberto Iglesia Bernardo
José Cid
Renato Costa

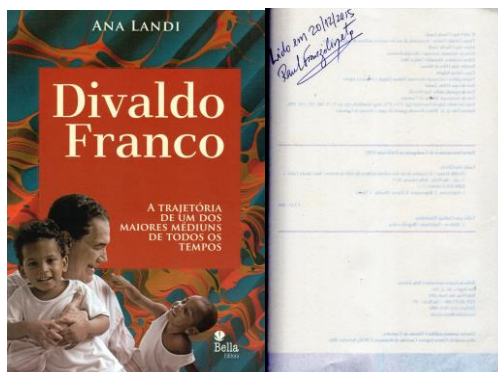
Os boletins e informações
sobre utilização do material
do GEAE encontram-se no
site: <http://geae.net.br>

Editorial

A cada novo ano renovamos nossas esperanças para uma vida melhor aqui na Terra. Festejamos a entrada do ano novo fortalecidos de alguma forma, embora sabemos que o tempo continua dia a dia. O momento de alegrias com queimas de fogos de artifícios brilhando nos céus no mundo todo, abraços e desejo de felicidades promove união de pensamentos em torno da renovação.

Começamos 2016 estimulando a reflexão em torno da vida espiritual com a crônica sobre o livro da Vida e Obra do grande médium e conferencista Divaldo Pereira Franco e de uma poesia vinda do plano espiritual a qual agradecemos o autor desconhecido e membro da equipe Vade Mecum.

Na seção “Nos Tempos da Codificação”, Allan Kardec sobre um profundo desestímulo ao seu trabalho da codificação com a publicação de uma drástica crítica ao espiritismo publicada no jornal “Gazette de Lyon” em 1860 em que o autor identificado apenas por C.M. chama os Espíritas de alucinados e loucos. Kardec responde ao artigo em nome do espiritismo, pois não se sente constrangido como críticas pessoais, mas sim preocupa-se em defender os inumeráveis seguidores espíritas com argumentos incontestáveis, bem equilibrados mantendo o princípio do respeito e da liberdade de expressão de ideais.



Crônica: Vida e Obra de Divaldo Franco

Raul Franzolin Neto

“Exemplos de vida como os de Chico Xavier e Divaldo Franco faz nos lembrar da máxima descrita por Kardec: *Fora da caridade não há salvação*. A verdadeira caridade se reflete no amor na seara do bem. Salvação é o caminho da evolução espiritual rumo a felicidade eterna. Sem a verdadeira caridade paramos no tempo”

Em recente viagem à Itacaré, na Bahia, aproveitando alguns dias de feriadão, decidi ficar livre dos computadores num ambiente bem fora da minha rotina diária. Enquanto aguardava meu voo no aeroporto de Campinas passei numa livraria para ver os títulos em exibição e talvez comprar algum volume para ler nas oportunidades que surgissem nesses dias. Passei na sessão de lançamentos, livros científicos, culinária e perguntei ao funcionário onde ficava o setor de livros espíritas.

Diante de uma boa quantidade de títulos, observei: “Divaldo Franco. A trajetória de um dos maiores médiuns de todos os tempos” de Ana Landi. Ao folhá-lo gostei da bela apresentação do livro, forma didática com fotos históricas.

Tivemos bons momentos no GEAE com o contato com o inigualável médium Divaldo em algumas de suas turnês de conferências que faz no mundo todo. Certa vez, nosso editor José Cid

apresentou o GEAE ao Divaldo nos Estados Unidos.

Muitos anos depois, tive a felicidade de trocar alguns e-mails com o Divaldo falando do trabalho do GEAE junto ao movimento espírita. Solicitei a ele que escrevesse algo para nosso Boletim, mas me informou que seu trabalho é focado nas conferências e mediunidade. Anos depois, tentei retomar esse diálogo, mas seu endereço eletrônico já não mais estava ativo e como se trata de uma pessoa altamente requisitada com milhões de admiradores, infelizmente não mantive mais esse contato eletrônico. Entretanto, em todas as conferências que tenho oportunidade de assistir não deixo de seguir na fila dos autógrafos para cumprimentá-lo.

Dessa forma, fiquei entusiasmado como o novo livro e iniciei imediatamente a sua leitura durante toda a viagem de ida. A cada capítulo a gente vai conhecendo passo a passo o exemplo de vida de

Divaldo. Os capítulos são devidamente planejados e relatos emocionantes levam o leitor a se sentir encorajado diante das dificuldades da vida, que muito provavelmente, são pequenas frente aos inúmeros problemas e desafios passados por Divaldo desde seu reencarne em Feira de Santana, na Bahia em 5 de maio de 1927.

Exemplos de vida como os de Chico Xavier e Divaldo Franco faz nos lembrar da máxima descrita por Kardec: “Fora da caridade não há salvação”. A verdadeira caridade se reflete no amor na seara do bem. Salvação é o caminho da evolução espiritual rumo a felicidade eterna. Sem a verdadeira caridade paramos no tempo.

Os títulos dos capítulos são bem criativos. A primeira psicografia; A mansão do Caminho; Ganhando o mundo são facilmente esclarecedores sobre o assunto. Entretanto, Lapinha, Úmbria, Home deixam o leitor curioso. Afinal Home é Lar?

O avião fez escala em Salvador e chegamos em Ilhéus horas depois, com vários capítulos lidos. Eu e minha esposa resolvemos então alugar um carro para seguir a Itacaré, porém minha carteira de motorista não estava comigo naquele momento. Seguimos, então, a viagem de ônibus visando conhecer a região. A paisagem verde com coqueiros, praias e moradias passavam pela janela entre a leitura do livro. Para apreciar mais a paisagem, marquei a página e coloquei o livro na bolsa atrás da poltrona à minha frente.

Ao chegar em Itacaré descemos apressados na rodoviária e fomos para a pousada. Horas depois perguntei à minha esposa: -você pegou o livro no ônibus? E obtive a resposta: eu não. Comentei: Espero que alguém faça bom uso dele.

Quatro dias depois estava ansioso para procurar outro exemplar e fiquei contente ao adquirir um novo numa livraria do aeroporto em Salvador, local da Mansão do Caminho, um complexo beneficente em zona periférica onde mora Divaldo.

Finalizei a leitura em minha casa. Fiquei muito comovido com as belas histórias reais da vida e obra desse grande benfeitor da humanidade Divaldo Pereira Franco. As fotos históricas abrihantam todo o contexto dessa biografia. Só uma curiosidade ficou: o que representa o símbolo no fechamento dos capítulos?

Parabéns à escritora Ana Landi pelo excelente trabalho que embora Divaldo tenha relutado sobre o projeto dessa biografia acabou consentido a sua publicação. O mundo espírita agradece, assim como certamente o Sr. Allan Kardec...

Criei o hábito de ao encerrar a leitura de um livro manter gravado a data e a assinatura do leitor na última página em branco. Assim, quando emprestamos um livro aos amigos pedimos apenas uma contrapartida: a data e assinatura no final...



Resposta do Sr. Allan kardec à Gazette de Lyon

Allan Kardec

“...sabem que a verdadeira felicidade não está no supérfluo e que aqueles que são chamados os felizes deste mundo também sofrem cruéis angústias, que o ouro não acalma.”

Sob o título de *Uma sessão dos Espíritos*, a "Gazette de Lyon" publicou, em seu número de 2 de agosto de 1860, o artigo seguinte, ao qual, durante sua visita a Lyon, o sr. Allan Kardec deu a resposta que vai adiante, mas que aquele jornal ainda não se dignou reproduzir.

—São chamados Espíritos certos alucinados que, tendo rompido com todas as crenças religiosas de seu tempo e seu país, não obstante pretendem ser relacionados com os Espíritos.

Nascido das mesas girantes, o Espiritismo não passa de uma das mil formas desse estado patológico em que pode cair o cérebro humano, quando se deixa levar por essas mil e uma aberrações de que a Antiguidade, a Idade Média e os tempos atuais não deixaram de dar muitos exemplos.

Condenadas prudentemente pela Igreja Católica, todas essas pesquisas

misteriosas, que saem do domínio dos fatos positivos, não têm outro resultado senão produzir a loucura nos que delas se ocupam, supondo que este estado de loucura já não tenha passado ao estado crônico no cérebro dos adeptos, o que está longe de ser demonstrado.

Os Espíritos têm um jornal em Paris e basta ler alguns dos seus trechos para certificar-se de que não exageramos. A inépcia das perguntas dirigidas aos Espíritos evocados tem igual na inépcia de suas respostas e, com razão, é permitido dizer-lhes que não vale a pena voltar do outro mundo para dizer tantas tolices.

Em breve, essa nova loucura, renovada dos antigos, vem de abater-se sobre a nossa cidade. Lyon possui Espíritos e é em casa de simples tecelões que os Espíritos se dignam manifestar-se.

O antro de Trophonius está situado (sic) numa oficina; o sumo-sacerdote do lugar é um tecelão de seda e a sibila é sua

esposa; os adeptos são, geralmente, operários, pois ali não recebem facilmente os que, pelo seu exterior, denunciam muita inteligência. Os Espíritos só se dignam manifestar-se aos simples. Talvez por isto fomos ali.

Convidado a assistir a uma das sessões semanais dos Espíritas lioneses, entramos na oficina onde se achavam quatro máquinas, uma das quais parada. Ali, entre as quatro forças dessa máquina, a sibila sentou-se à frente de uma mesa quadrada, sobre a qual havia um caderno e, ao lado, uma pena de ganso. Notai que dissemos uma pena de ganso, e não uma pena metálica, pois os Espíritos têm horror aos metais. (1)

Vinte a vinte e cinco pessoas de ambos os sexos, inclusive este vosso servo, formavam um círculo em torno da mesa.

Depois de um pequeno discurso do sumo-sacerdote sobre a natureza dos Espíritos, tudo num estilo que deveria encantar os Espíritos, devido à sua simplicidade, começaram as perguntas.

Aproxima-se um jovem e pergunta à sibila porque, oito dias antes dos combates, fossem na Criméia ou na Itália, era ele sempre chamado a outro lugar?

A inspirada (é o nome que lhe dão), tomando a pena de ganso, a movimenta um instante sobre o papel, onde traça sinais cabalísticos, depois pronuncia esta fórmula: "Meu Deus, fazei-me a graça de nos esclarecer neste assunto." A seguir acrescenta: "Leio a seguinte resposta: É que estais destinado a viver para instruir e esclarecer os vossos irmãos."

Evidentemente é um adepto influente que querem conquistar para a causa. Além disso, foi soldado, talvez seja um ex-zuavo; não vamos criar caso; prossigamos.

Um outro jovem se aproxima por sua vez e pergunta se o Espírito de seu pai o acompanhou e protegeu nos combates.

(1) As máquinas de tecer tinham a armação formada por quatro palanques em forma de forca. Daí a alusão irônica às "quatro forças" (N. da Eq. Revisora)

Resposta: Sim.

Tomamos o jovem à parte e lhe perguntamos desde quando seu pai estava morto.

— Meu pai não está morto, respondeu ele.

A seguir apresenta-se um velho e pergunta — notai bem a sutileza da pergunta, imitada de Tarquínio, o Antigo, — se o que ele pensa foi o motivo pelo qual seu pai lhe deu o nome de João?

Depois um soldado do primeiro Império pergunta se os Espíritos dos soldados do velho Império não acompanharam os nossos jovens soldados à Criméia e à Itália?

Resposta: Sim.

Segue-se uma pergunta supersticiosa, feita por uma senhora moça: Por que sexta-feira é um dia aziago?

A resposta não se fez esperar e, certamente, merece se tome cuidado, por causa de várias obscuridades históricas que ela elimina. — É, respondeu a inspirada, porque Moisés, Salomão e Jesus Cristo morreram nesse dia.

Um jovem operário lionês, a julgar por seu sotaque, quer ser esclarecido sobre um fato maravilhoso. Uma noite, disse ele, minha mãe sentiu um rosto que tocava o seu; "desperta-nos a meu pai e a mim; procuramos por toda parte e nada encontramos. De repente um dos nossos teares se põe a bater, na extremidade da oficina. Estávamos aterrados, e piorou, quando vimos todos trabalhando ao mesmo tempo, sem que víssemos viva alma."

— É o vosso avô, respondeu a sibila, que vem pedir preces.

Ao que o jovem respondeu com um ar que lhe devia dar fácil entrada no santuário: É isso mesmo. Pobre velho! Tinham-lhe prometido missas que lhe não foram rezadas.

Outro operário pergunta por que, diversas vezes, o fiel de sua balança se move sozinho?

— É um Espírito batedor, responde a inspirada, que produz o fenômeno.

— Muito bem, responde o operário. Mas eu parei o prodígio, pondo um pedaço de chumbo no prato mais leve.

— É muito simples, continuou a advinha, os Espíritos têm horror ao chumbo, devido à miragem.

Todos querem uma explicação dessa miragem.

Aí para o poder da sibila: Deus não quer explicar isto, diz ela, nem mesmo a mim.

Era uma razão maior, ante a qual todos se inclinaram.

Então o sumo-sacerdote, prevendo sérias objeções interiores, tomou a palavra e disse: — Sobre esta questão, senhores, devemos abster-nos, pois seríamos arrastados a outras perguntas científicas que não podemos resolver.

Nesse momento as perguntas se multiplicavam e se cruzavam.

Se os sinais que nos aparecem no céu desde algum tempo (os cometas!) são os de que fala o Apocalipse?

— Resposta: Sim, e em cento e quarenta anos o mundo não mais existirá.

— Por que Jesus Cristo disse que sempre haveria pobres?

— Resposta: Jesus Cristo quis falar dos pobres de Espírito; para estes, Deus acaba de preparar um globo especial.

Não destacaremos toda a importância de semelhante resposta. Quem não compreende quão felizes serão os nossos descendentes quando não mais tiverem que temer o contato com os pobres de espírito? Quanto aos outros, a resposta da sibila felizmente deixa supor que seu reino terminou. Boa notícia para os economistas a quem o problema do pauperismo tira o sono.

Para terminar, aproxima-se uma mulher entre quarenta e cinquenta anos, e pergunta se seu Espírito já foi encarnado e quantas vezes?

Ficaráis muito embaraçado, como eu, para responder. Mas os Espíritos respondem a tudo:

— Sim, responde a pena de ganso, foi três vezes: a primeira, como filha natural de respeitável princesa russa (esse

respeitável, próximo do vocábulo anterior, me intriga); a segunda, como filha legítima de um trapeiro da Boêmia; e a terceira, ela o sabe...

Esperamos que tal amostra de uma sessão de Espíritos lioneses deve bastar para demonstrar que os Espíritos de Lyon valem bem os de Paris.

Mas perguntamos: não seria bom impedir que pobres loucos ficassem ainda mais loucos?

Outrora a Igreja era bastante poderosa para impor silencio a semelhantes divagações. Talvez ela maltratasse bastante, é verdade, mas sustava o mal. Hoje, desde que a autoridade religiosa é impotente, desde que o bom senso não tem bastante poder para fazer justiça a tais alucinações, não deveria a outra autoridade intervir neste caso, pondo fim a práticas das quais o menor inconveniente é tornar ridículos os que delas se ocupam?

C. M.

RESPOSTA DO SR. ALLAN KARDEC AO SR. REDATOR DA "GAZETTE DE LYON"

Senhor,

Enviaram-me um artigo, assinado por C. M., que publicastes na "Gazette de Lyon" de 2 de agosto de 1860, sob o título de: Uma sessão dos Espíritos. Nesse artigo, se não sou atacado senão indiretamente, eu o sou na pessoa de todos os que partilham de minhas convicções. Isto, porém, nada seria, se vossas palavras não tendessem a falsear a opinião pública sobre o princípio e as consequências das crenças espíritas, cobrindo de ridículo e de censura os que as professam e que apontais à vindita legal. Peço-vos permissão para algumas retificações a respeito, esperando de vossa imparcialidade que, uma vez que julgastes dever publicar o ataque, devereis publicar minha resposta.

Não julgueis, senhor, que tenha o objetivo de vos convencer, nem o de retribuir injúria por injúria. Sejam quais forem as razões que vos impeçam de

partilhar de nossa maneira de ver, não penso em procurá-las, e as respeito, se forem sinceras. Só peço a reciprocidade praticada entre gente que sabe conviver. Quanto aos epítetos incivis, não é de meus hábitos utilizá-los.

Se tivésseis discutido seriamente os princípios do Espiritismo; se a eles tivésseis oposto quaisquer argumentos, bons ou maus, eu teria podido vos responder. Mas toda a vossa argumentação se limita a nos qualificar de ignaros; e não me cabe discutir convosco se tendes razão ou não; limito-me, pois, a destacar aquilo que as vossas asserções têm de inexato, fora de todo personalismo.

Não basta dizer aos que não pensam como nós que são uns imbecis: isto está ao alcance de qualquer um. É necessário lhes demonstrar que estão errados. Mas, como o fazer? Como entrar no cerne da questão, se não se conhece a sua primeira palavra? Ora, creio que é o caso em que vos encontrais, pois do contrário teríeis usado melhores armas que a acusação banal de estupidez. Quando tiverdes dado ao estudo do Espiritismo o tempo moral necessário — e vos advirto de que é preciso bastante — quando tiverdes lido tudo quanto pode fundamentar a vossa opinião, aprofundando todas as questões, assistido, como observador consciencioso e imparcial, a alguns milhares de experiências, vossa crítica terá algum valor. Até lá, não passa de uma opinião individual, que não se apoia sobre coisa alguma e a respeito da qual podeis, a cada momento, ser pilhado em flagrante delito de ignorância. O começo do vosso artigo é uma prova.

Dizeis: "São chamados Espíritas certos alucinados que, tendo rompido com todas as crenças religiosas de seu tempo e seu país, etc." Sabeis, senhor, que esta acusação é muito grave, e tanto mais grave quanto, ao mesmo tempo, falsa e caluniosa? O Espiritismo é inteiramente baseado no dogma da existência da alma, sua sobrevivência ao corpo, sua individualidade após a morte, sua

imortalidade, as penas e as recompensas futuras. Não só sanciona essas verdades pela teoria; seu objetivo é prova-las de maneira patente. Eis por que tanta gente que em nada acreditava foi reconduzida às ideias religiosas. Toda a sua moral é apenas o desenvolvimento das máximas do Cristo: praticar a caridade, pagar o mal com o bem, ser indulgente para com o próximo, perdoar aos inimigos; numa palavra, agir para com os outros como queríamos que eles agissem para conosco. Então achais estas ideias tão estúpidas? Romperam elas com toda crença religiosa, elas que se apoiam na base mesma da religião? Não, direis vós; mas basta ser católico para ter tais ideias. Tê-las, vá; mas praticá-las é outra coisa, ao que parece. É muito evangélico para vós, católico, insultar gente corajosa, que nunca vos fez mal, que não conheceis e que teve bastante confiança em vós para vos receber em seu meio? Admitamos que estejam errados. Será cobrindo-as de injúrias e os irritando, que os reconduzireis?

Vosso artigo contém um erro de fato que, ainda uma vez, prova a vossa ignorância em matéria de Espiritismo. Dizeis: "os adeptos são, geralmente, operários." Sabei então, senhor, para vosso governo que, dos cinco ou seis milhões de Espíritas que existem atualmente, a quase totalidade pertence às classes mais esclarecidas da sociedade; conta entre os seus aderentes grande número de médicos em todos os países, advogados, magistrados, homens de letras, altos funcionários, oficiais de todas as patentes, artistas, cientistas, negociantes, etc., pessoas que levemente colocais entre os ineptos. Mas passemos sobre tudo isto. Os vocábulos insulto e injúria vos parecem muito fortes?

Vejamos.

Pesastes bem o alcance de vossas palavras quando, depois de ter dito que os adeptos são geralmente operários, acrescentais, a propósito das reuniões lionesas: "pois ali não recebem facilmente

os que, pelo seu exterior, denunciam muita inteligência. Os Espíritos só se dignam manifestar-se aos simples. Talvez por isto fomos ali admitido." E mais adiante, esta outra frase: "Depois de um pequeno discurso sobre a natureza dos Espíritos, tudo num estilo que deveria encantar os Espíritos, devido sua simplicidade, começaram as perguntas." Não lembro as facécias relativas à pena de ganso de que, segundo vós, servia-se o médium, e outras coisas, também bastante espirituosas. Falo mais seriamente. Farei uma única observação: é que vossos olhos e ouvidos vos serviram muito mal, porque o médium de quem falais não se serve de pena de ganso e tanto a forma quanto o fundo da maioria das perguntas e das respostas referidas no artigo são pura invenção. São, pois, pequenas calúnias, através das quais quisestes fazer brilhar o vosso talento.

Assim, em vossa opinião, para ser admitido nessas reuniões operárias é preciso ser operário, isto é, desprovido de bom senso, e ali fostes introduzido, dizeis, porque certamente vos tomaram por um tolo. Com certeza se vos tivessem julgado com bastante espírito para inventar coisas que não existem, é bem certo que vos teriam fechado a porta.

Já pensastes, senhor, que não atacais apenas os Espíritas, mas toda a classe operária e, em particular, a de Lyon? Esqueceis que são esses mesmos operários, os tecelões, como dizeis com afetação, que fazem a prosperidade de vossa cidade pela indústria? Não foram essas criaturas sem valor moral, esses operários, que produziram Jacquard? De onde saíram em bom número os vossos fabricantes, que adquiriram fortuna com o suor de sua fronte e à força de ordem e de economia? Não é insultar o trabalho comparar os seus teares a ignóbeis forças? Ridicularizais a sua linguagem; esqueceis que o seu ofício não é para fazer discursos acadêmicos? É necessário um estilo puxado a barbante para dizer o que se pensa? Senhor, vossas palavras não são apenas levianas — emprego o vocábulo

por consideração — elas são imprudentes. Se jamais Deus vos reservou dias nefastos, orai-lhe para que os ofendidos não se lembrem disto. Os que são Espíritas se esquecerão, porque a caridade o ordena. Assim, fazei votos para que todos o sejam, desde que bebem no Espiritismo os princípios de ordem social, de respeito à propriedade e de sentimentos religiosos.

Sabeis o que fazem os operários espíritas lioneses, que tratais com tanto desdém? Ao invés de irem atordoar-se nos cabarés ou alimentar-se de doutrinas subversivas e quiméricas, nessa oficina que por irrisão comparais ao antro de Trophonius, em meio a esses teares de quatro forças, eles pensam em Deus. Eu os vi durante minha estada aí; conversei com eles e me convenci do seguinte: Entre eles muitos maldiziam seu trabalho penoso; hoje o aceitam com a resignação do cristão, como uma prova; muitos viam com ciúme e inveja a sorte dos ricos; hoje sabem que a riqueza é uma prova ainda mais escorregadia que a da miséria, e que o infeliz que sofre e não cede à tentação é o verdadeiro eleito de Deus; sabem que a verdadeira felicidade não está no supérfluo e que aqueles que são chamados os felizes deste mundo também sofrem cruéis angústias, que o ouro não acalma. Muitos se riam da prece: hoje oram e reencontraram o caminho da igreja que tinham esquecido, porque outrora não criam em nada e hoje creem; diversos teriam sucumbido no desespero; hoje, que conhecem a sorte dos que voluntariamente abreviam a vida, resignam-se à vontade de Deus, pois sabem que têm uma alma, do que antes não estavam certos. Enfim, porque sabem estar apenas de passagem na Terra, e que a justiça de Deus não falha para ninguém.

Eis, senhor, o que sabem e o que fazem esses ineptos, como os chamais. Talvez se exprimam numa linguagem ridícula, trivial aos olhos de um homem de espírito como vós, mas aos olhos de Deus o mérito está no coração e não na elegância das frases.

Noutro ponto dizeis: "Outrora a igreja era bastante poderosa para impor silêncio a semelhantes divagações. Talvez ela maltratasse bastante, é verdade, mas sustava o mal. Hoje, desde que a autoridade religiosa é impotente, desde que o bom senso não tem bastante poder para fazer justiça a tais alucinações, não deveria outra autoridade intervir neste caso, etc." Com efeito, ela queimava. É realmente uma lástima que não tenhamos mais fogueiras. Oh! deploráveis efeitos do progresso das luzes!

Não tenho por hábito responder às diatribes. Se só se tratasse de mim, eu nada teria dito. Mas, a propósito de uma crença de que me orgulho de professar porque é uma crença eminentemente cristã, vós procurais ridicularizar criaturas honestas e laboriosas, porque são iletradas, esquecendo que Jesus era operário; vós as excitaes com palavras irritantes; chamaes contra elas os rigores das autoridades civis e religiosas, quando são pacíficas e compreendem o vazio das utopias com que são embalados e que vos meteram medo. Tive que lhes tomar a defesa, lembrando os deveres impostos pela caridade, dizendo-lhes que, se outros não cumprem os seus deveres, isso não é razão para se afastarem de lá. Eis, senhor, os conselhos que lhe dou; são também os que lhe dão os Espíritos que cometem a tolice de se dirigirem a pessoas simples e ignorantes e não a vós. É que, provavelmente, sabem que serão melhor escutados. A propósito, poderíeis dizer-me por que Jesus escolheu seus apóstolos entre o povo, e não entre os homens de letras? Sem dúvida, na época porque não havia jornalistas para lhe dizerem o que ele devia fazer.

Certamente direis que vossa crítica só atinge a crença nos Espíritos e em suas manifestações e não os princípios sagrados da religião. Estou certo disto. Mas, então, por que dizer que os Espíritos romperam com todos os princípios religiosos? É que não sabeis em que eles se apoiam. Contudo, lá vistes um médium

orar com fervor, e vós, católico, ristes de uma pessoa que orava!

Provavelmente vós não sabeis também o que são os Espíritos. Os Espíritos são apenas as almas dos que viveram: almas e Espíritos são uma única e mesma coisa. Assim, negar a existência dos Espíritos é negar a alma. Admitir a alma, sua sobrevivência e individualidade, é admitir os Espíritos. Toda a questão, pois, se reduz a saber se, após a morte, a alma pode manifestar-se aos vivos. Os livros sagrados e os Padres da Igreja o reconheciam. Se os Espíritos estão errados, as autoridades também se enganaram. Para o provar, é preciso demonstrar, não por uma simples negativa, mas por peremptórias razões:

1º. — Que o ser que pensa em nós durante a vida não deve mais pensar após a morte;

2º. — Que, se pensa, não deve mais pensar naqueles que amou;

3º.— Que, se pensa nos que amou, não deve mais querer com eles comunicar-se;

4º.— Que, se pode estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;

5º. — Que, se está ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco;

Se conhecêsseis o estado dos Espíritos, sua natureza e, se assim me posso exprimir, sua constituição fisiológica, tal como eles no-la descrevem e tal qual a observação nos confirma, saberíeis que o Espírito e a alma, sendo uma única e mesma coisa, só há de menos no Espírito o corpo de que se despoja ao morrer, restando-lhe, porém, um invólucro etéreo, que para ele constitui um corpo fluídico, com o auxílio do qual pode, em certas circunstâncias, tornar-se visível. É o que ocorre nos casos de aparições que a própria igreja admite perfeitamente, desde que de algumas faz artigo de fé. Dada esta base, às proposições precedentes acrescentarei as seguintes, pedindo-vos que as prove:

6º. — Que, por seu envoltório fluídico, o Espírito não pode agir sobre a matéria inerte;

7º. — Que, se pode agir sobre a matéria inerte, não pode agir sobre um ser animado;

8º. — Que se pode agir sobre um ser animado, não lhe pode dirigir a mão para escrever;

9º — Que podendo fazê-lo escrever, não pode responder às suas perguntas e lhe transmitir seu pensamento.

Quando tiverdes demonstrado que tudo isto é impossível por meio de raciocínios tão patentes quanto aqueles pelos quais Galileu demonstrou que não é o Sol que gira, então vossa opinião poderá ser levada em consideração.

Certamente objetareis que, nas suas comunicações, por vezes os Espíritos dizem coisas absurdas. É bem certo; e fazem mais: por vezes dizem grosserias e impertinências. É que, deixando o corpo, o Espírito não se despoja imediatamente de todas as suas imperfeições. É, então, provável que aqueles que dizem coisas ridículas como Espíritos, as disseram ainda mais ridículas quando estavam entre nós. Eis por que não aceitamos mais cegamente o que vem da parte deles do que o que vem da parte dos homens.

Mas eu paro aqui, pois não tenciono dar um curso. Bastou-me provar que falastes do Espiritismo sem o conhecer.

Recebei, senhor, minhas respeitadas saudações.

ALLAN KARDEC

Fonte: Kardec, A. Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos, Ano 1860, Edicel, p. 303-312.

Comunicabilidade Espiritual

E A POESIA CONTINUA...

A Reflexão

No avanço das energias vitais há que se destacar o pensamento
Qual doce rio que flui lentamente
Livramento
Avança em direção ao infinito
E a cada segundo
Nova visão se deslumbra
Visão que ultrapassa os desejos
Pois os sonhos se realizam
E se materializam em você mesmo
Qual o cego que tudo enxerga
Tudo vê no seu íntimo
E sabiamente reverte o erro em acerto

O burilamento da tristeza se converte em alegria
E de alegrias em alegrias
Tudo vai se eternizando
Transformando-se constantemente
Somos obrigados a nos convencer
De que nada pode desaparecer
E o rio segue fluindo lentamente
Mas ganha força
Pois novas descobertas ampliam o seu leito
Assim, sabemos que aqui não é
Nem o começo nem o fim

Refletir é o nosso maior bem
Dentre as leis que regem a vida
Há que se liberar o poder
E no silêncio lento
Como tudo que começou
Nunca há de se findar
É ali que renovamos forças
Aliada do ser
Qual agulha no palheiro
Remover cada pedra que promove o sofrimento
Seguramente surge o novo
Do passado que se apaga lentamente
Como tudo deve ser
Seguimos caminhando
Agora parece que mais rapidamente
E avança como deve ser
Lentamente...

Vade Mecum

Psicografia por Raul Franzolin Neto,
Janeiro 2015



Publicações no Boletim GEAE

Submeta artigos, textos e comentários ao Conselho Editorial do GEAE pelo e-mail: editor.geae@gmail.com . Acesse nossa página (<http://geae.net.br>) para maiores informações.